



Antropologia histórica e antropologia escolástica na obra de Alain Boureau

Igor S. Teixeira



Édition électronique

URL : <https://journals.openedition.org/cem/13439>

DOI : [10.4000/cem.13439](https://doi.org/10.4000/cem.13439)

ISSN : 1954-3093

Éditeur

Centre d'études médiévales Saint-Germain d'Auxerre

Référence électronique

Igor S. Teixeira, « Antropologia histórica e antropologia escolástica na obra de Alain Boureau », *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA* [En ligne], 18.1 | 2014, mis en ligne le 16 juin 2014, consulté le 22 septembre 2022. URL : <http://journals.openedition.org/cem/13439> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cem.13439>

Ce document a été généré automatiquement le 22 septembre 2022.



Creative Commons - Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions
4.0 International - CC BY-NC-SA 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Antropologia histórica e antropologia escolástica na obra de Alain Boureau

Igor S. Teixeira

Introdução ¹

- 1 Apresentamos neste ensaio uma análise de três livros de Alain Boureau [1946-]: *La légende dorée : le systhème narratif de Jacques de Voragine* (1984), *L'événement sans fin : Récits et christianisme au Moyen Âge* (1993) e *Satan hérétique, histoire de la démonologie* (2004)². O objetivo principal é identificar características da Antropologia histórica e da Antropologia escolástica. Boureau, que participa do Grupo de Antropologia Histórica do Ocidente Medieval (GAHOM), da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS), fundou em 1993 o Grupo de Antropologia Escolástica (GAS) e tem destacada atuação sobre a relação entre ordens mendicantes e debates intelectuais entre os séculos XIII e XIV. Embora as obras selecionadas datem dos anos 1980, 1990 e 2000, perfazendo um recorte de trinta anos, para melhor enquadrá-las acreditamos ser necessário uma introdução mais geral sobre a relação história e antropologia.
- 2 Um dos marcos para o entendimento da relação entre história medieval e antropologia histórica é a obra *Os Reis Taumaturgos : o caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra*, de Marc Bloch, publicada originalmente em 1924. Segundo Jacques Le Goff [1924-2014], « o que Marc Bloch quis foi fazer a história de um milagre e, simultaneamente, a da crença nesse milagre ». Nesse estudo estão « aplicados » dois princípios da chamada « escola » dos *Annales*: a ideia de uma história total e a longa duração. Além disso, Le Goff aponta a « instrumentária conceitual » na obra e destaca que termos usados por Bloch, em 1924, compõem o legado para as abordagens contemporâneas. Trata-se da tentativa de sistematização e definição para representações, hábitos de pensamento e ritos de passagem³.
- 3 Na síntese proposta por André Burguière, a Antropologia histórica pode ser definida como uma « história dos hábitos », mas, principalmente, dos hábitos que foram « interiorizados pelas sociedades »⁴. Esse texto, do final dos anos 1970, está inserido nos debates teórico-metodológicos da chamada terceira geração dos *Annales* que tiveram certo protagonismo a partir da história das mentalidades de Jacques Le Goff⁵. Lucette Valensi e Nathan Wachtel, no livro *Une école pour les sciences sociales : de la VI^e section à l'École des hautes études en sciences sociales*, propõem um sobrevoo interessante sobre as relações entre a antropologia e a história desde Marc Bloch e Lucien Febvre, mas, principalmente sobre como a aproximação desses dois domínios se intensificou na década de 1960 até chegar aos seminários e redefinições de domínios no contexto da transformação da VI^a seção da *École pratique des hautes études* na EHESS. Segundo os autores, a antropologia histórica se caracterizava em quatro domínios: a economia, parentesco, o simbólico e o político. Os autores acrescentam, ainda, que não se tratava de uma aliança entre disciplinas, e sim « d'une modification des pratiques de la recherche à l'intérieur d'une discipline »⁶.



- 4 Considerando a importância dos trabalhos de Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt no domínio dos estudos sobre o simbólico e a relação que esses historiadores estabeleceram com os trabalhos de Alain Boureau, podemos, inicialmente, classificar a obra de Boureau sobre a *Legenda áurea*, como um estudo de antropologia histórica. Sendo assim, sua produção é partícipe do desenvolvimento daquelas definições e/ou redefinições, como situado no texto de Valensi e Wachtel.
- 5 Podemos frisar, ainda, que a antropologia histórica é um princípio de abordagem na história que se fazia antropológica. Neste aspecto, os diálogos travados entre historiadores e obras que podem incluir desde os estudos de Claude Lévi-Strauss dos anos 1960 às reflexões de Clifford Geertz e suas influências em estudos como os de Robert Darnton, por exemplo, há uma importante reflexão que o historiador deve fazer ao se apropriar/aproximar da Antropologia : como sair do campo para o arquivo se o objeto de análise, como as sociedades na Idade Média, não pode ser alvo de uma observação participante ?
- 6 Essa foi uma questão motivadora para as recentes reflexões publicadas em 2010 no periódico *L'atelier du Centre de recherches historiques*. Fruto de um evento realizado em 2008, por causa do aniversário de trinta anos do GAHOM e também do livro *A nova história*, organizado por Jacques Le Goff. O colóquio *Faire l'anthropologie historique du Moyen Âge aujourd'hui* reuniu cerca de 120 pesquisadores e o resultado foi um conjunto de perspectivas sobre pesquisas em desenvolvimento, como os trabalhos de Eduardo Henrik Aubert ⁷ e Pauline Labey ⁸, e sobre percursos e trajetórias consolidadas, como o texto de Jean-Claude Schmidt ⁹.
- 7 Para Jean-Claude Schmitt, a antropologia histórica consiste na « inspiração » por parte do historiador em trabalhar seus problemas de pesquisa a partir de termos de outras ciências humanas sem necessariamente abandonar as características do seu *métier*. Na prática, trata-se do interesse do homem em sociedade e, principalmente :
- 8 (...) les hommes dans la diversité des temps et des espaces, leurs relations sociales (alliance et filiation, systèmes de domination et de sujétion, formes d'identification individuelle et collective), leurs activités les plus concrètes (subsistance, travail, guerre) et les plus spéculatives, leurs « représentations » et leurs « pratiques », leurs croyances et leurs émotions, leurs rapports avec le cosmos, la nature, les autres êtres vivants (animaux, plantes) comme avec les objets ¹⁰.
- 9 É importante salientar, no percurso revelado por Schmitt, que a antropologia histórica é, então, por definição, uma perspectiva porosa, que prescindir e admite a necessidade de cruzamentos diversificados de análise. Afinal, para analisar os homens no tempo e no espaço, suas atividades concretas, como o trabalho, e suas atividades especulativas, como as concepções teológicas sobre a natureza humana, por exemplo, são necessários procedimentos distintos. É em relação aos objetos mais « especulativos » que a antropologia escolástica de Alain Boureau se dirige. Ainda sobre o colóquio realizado em 2008, a reflexão final feita pelos organizadores enfatiza a diversidade que caracteriza a antropologia histórica : das ambiguidades que dificultam uma definição – é um método, um objeto, uma corrente historiográfica, uma questão epistemológica ? – à abordagem interdisciplinar. Em relação às pesquisas desde os anos 1970 os organizadores afirmam que a etnologia chamou mais a atenção dos medievalistas do que dos especialistas em história antiga ¹¹. A interdisciplinaridade também leva à diversificação dos trabalhos inseridos na antropologia histórica : do corpo às doenças, do dinheiro à crença no culto aos santos, por exemplo.

- 10 Nesse aspecto, acreditamos que a trajetória de Alain Boureau é reveladora de características da antropologia histórica e de como a relação entre história e antropologia modificou, dentre outras direções, o olhar sobre a produção intelectual entre os séculos XIII e XIV. Sendo assim, ao olharmos para um conjunto de textos de um mesmo autor podemos analisar essas modificações nas formas de abordar um objeto de estudo.

Da antropologia histórica à antropologia escolástica : a obra de Alain Boureau

- 11 Historiador e medievalista, o autor em questão teve sua formação no GAHOM, fundado por Jacques Le Goff em 1978 na EHESS e a sua obra sobre a *Legenda áurea*, de 1984, foi publicada como fruto de um trabalho desenvolvido nesse grupo. Passados 10 anos, Boureau fundou, também na EHESS, o Grupo de Antropologia Escolástica (GAS), que dirige até hoje. Quais as diferenças entre esses dois grupos ?
- 12 Ao lançar *En somme : pour un usage analytique de la scolastique* e uma edição dos *Traité des démons*¹², de Pedro de João Olívio, Boureau foi entrevistado para o portal *Actu Philosophia* e assim definiu a « antropologia escolástica » :
- 13 Quand j'ai choisi ce nom d'« anthropologie scolastique », pour moi les deux mots disaient la même chose, l'un disait l'autre. Au départ, du point de vue anecdotique, il y avait un petit clin d'œil. Dans notre école, il y a ce qu'on appelle l'« anthropologie historique » (le terme a été fondé par mon très cher vieux maître Jacques Le Goff) et je voulais dire qu'on créait un groupe de recherches à côté du groupe d'anthropologie historique, c'est-à-dire un groupe qui allait faire à peu près la même chose mais par d'autres moyens et sur d'autres objets¹³.
- 14 Em outras palavras : a antropologia escolástica é um domínio de estudo que considera as reflexões sobre « o homem » a partir de um local específico, ou seja, o âmbito universitário europeu, principalmente entre 1150-1350. Exemplo disso também está na trilogia *La raison scolastique*, publicada pelo autor entre 2006 e 2008¹⁴.
- 15 Considerando, então, o recorte cronológico e o « lugar » de análise, ou seja, os debates travados no seio das universidades, podemos localizar temas como santidade e a escrita hagiográfica também como objetos de estudo da antropologia escolástica. Os primeiros indícios para esse entendimento são encontrados na relação estabelecida entre as ordens mendicantes – Irmãos Pregadores, ou dominicanos, e Frades Menores, ou franciscanos – com as Universidades. O dominicano Gerardo de Frachet, ao escrever a *Vita Fratrum* por volta de 1256 indicou a predileção do fundador da Ordem, Domingos de Gusmão, e de seu sucessor, Jordão da Saxônia, de estabelecer conventos próximos a cidades como Bolonha e Paris. Frachet informa, inclusive, que Jordão da Saxônia pagava dívidas dos estudantes em troca da entrada destes para a Ordem¹⁵. Em relação aos franciscanos, por exemplo, se considerarmos o levantamento feito por Sylvain Piron sobre as comissões de cardeais convocadas por João XXII, encontraremos muitos mestres em teologia. Esse historiador, inclusive, definiu esse pontificado como o « l'Eldorado des théologiens »¹⁶.
- 16 É importante retomar que dos três títulos escolhidos temos uma obra publicada antes da fundação do GAS, uma publicada no ano de fundação (1993) e a outra, publicada 10 anos após a fundação do grupo. O principal objetivo desta leitura é, então, tentar

analisar as implicações dessa tentativa de « faire à peu près la même chose mais par d'autres moyens et sur d'autres objets », como afirmou Boureau acima, nos estudos sobre a santidade.

A Legenda áurea

- 17 A *Legenda áurea* é uma compilação de relatos sobre vidas de santos, estruturada de acordo com um calendário litúrgico e dividida em dois tipos de capítulos : os dedicados às vidas dos santos e os dedicados às festas, como Ascensão do Senhor, da Virgem etc. A obra é atribuída ao frade dominicano Jacopo de Varazze e costuma-se situar sua data de elaboração entre 1260-1298. A principal característica da obra é a presença majoritária de santos mártires do início do cristianismo e poucos santos do século XIII.
- 18 Publicada em 1984, a tese de Alain Boureau sobre a *Legenda áurea* é emblemática. Estudar essa compilação hagiográfica é, por definição, um desafio difícil, inclusive, de estabelecimento de « recortes de análise ». Um dos motivos : a existência de cerca de 1000 manuscritos em latim – da « publicação » da obra em sua redação final, por volta de 1298 (quando morre Jacopo de Varazze) ao século XV –, conforme aponta Barbara Fleith¹⁷. Boureau nos aponta dois paradoxos que justificam a análise desse legendário : seu inegável sucesso no Ocidente – do final do século XIII ao século XIX não faltam referências à obra de Jacopo de Varazze – e sua característica « arcaica » para o período¹⁸.
- 19 Esses paradoxos, na verdade, revelam dois obstáculos. O primeiro é : qual *Legenda áurea* ? Alain Boureau trabalhou com um manuscrito da Bibliothèque nationale de France e cotejou suas leituras com traduções francesas existentes na ocasião. O manuscrito BnF NAL 1800 é datado por volta de 1283 e foi copiado no Norte da França. O problema nessa questão está relacionado à tese defendida anos após, por Giovanni Paolo Maggioni, sobre as « duas redações » da *Legenda áurea*. Segundo Maggioni, Jacopo de Varazze redigiu/compilou a *Legenda áurea* em dois momentos : 1260 e ao final de sua vida, entre 1290-1298¹⁹. Podemos inferir que Boureau não trabalhou com a *Legenda áurea* em sua versão « final ».
- 20 O segundo obstáculo, que não impõe necessariamente um problema, mas revela a complexidade da obra, é a característica de « compilação ». Jacopo de Varazze muitas vezes transcreve relatos precedentes e faz poucas alterações e inserções. Na prática, no entanto, o pesquisador também se pergunta : Jacopo foi autor da obra ? E, principalmente, por que a sua opção por modelos de santidade não mais em uso (os mártires) no século XIII ?
- 21 A tese parte de uma consideração sobre a relação entre o público-alvo e o conteúdo da *Legenda áurea* e revela sua filiação aos estudos de antropologia histórica. Podemos considerar que, para Boureau, a riqueza temática da *Legenda áurea*, o fato de ter sido compilada por um homem formado nos *studia* dominicanos e seu apelo à vulgarização da doutrina para os pregadores mais simples e aos leigos situam esse legendário em uma posição estratégica na qual se encontram o popular e o clerical.
- 22 Esta premissa é uma referência explícita aos argumentos de Jacques Le Goff. Dentre os muitos trabalhos desse historiador – que poderíamos situar numa longa trajetória diversificada ilustrada por obras como *La naissance du purgatoire* (1981), *Une histoire du corps au Moyen Âge* (com Nicolas Truong, 2003) ou ainda o recente *Le Moyen Âge et l'Argent* (2010)²⁰ – destacamos o interessante estudo, publicado originalmente em 1970,

sobre São Marcelo e o dragão. Para Le Goff, a construção da hagiografia sobre São Marcelo revela o trabalho de seleção de significados relacionados ao dragão na tradição cristã. Essa seleção teria produzido usos diferentes para o dragão em relação à história de São Marcelo : um significado relacionado aos clérigos, na vitória sobre o diabo e seus sectários – todos em forma de dragões – e outro, relacionado ao povo nos diferentes usos de dragões nas procissões. Entre os primeiros, importa a vitória do bispo sobre o mal. Para a coletividade, Le Goff afirma que o dragão era a parte mais importante e com significados distintos ²¹.

- 23 Dialogando diretamente com essas reflexões, Boureau considera que o problema levantado por Le Goff é de difícil abordagem. Porém, afirma que Jacopo de Varazze, talvez, tenha sido o primeiro a integrar o folclórico no clerical ²². Neste sentido, Boureau defende que uma análise da estrutura e do conteúdo da *Legenda aurea* é importante para entender o porquê do sucesso que teve e entender os « traits distinctifs d'une espèce hagiographique ». Partindo desse ponto, então, o autor apresenta sua principal hipótese :
- 24 (...) la *Légende dorée* est composée comme un univers de signification, achevé et complet, où chaque élément renvoie à la totalité, univers qui rend compte de tout, qui trace une origine et une fin, univers où tout est dit et où tout chrétien trouve sa place, univers génératif cependant puisque la *Légende dorée* peut s'étendre et se compléter, comme cela se produisit effectivement au XIV^e et au XV^e siècle, dans son triomphant quadrillage du monde, qui ne faiblira qu'avec la révolution industrielle, à partir du XVIII^e siècle ²³.
- 25 Estamos diante de um tipo de afirmação não muito distinta dos primeiros estudos da chamada antropologia histórica presente na obra *Os Reis Taumaturgos*, de Marc Bloch. Ciente desses elementos que caracterizam sua fonte, Alain Boureau dissecou o que chamou de sistema narrativo de Jacopo de Varazze em três partes : o quadro narrativo, os elementos da narrativa e a retórica da narrativa. Cada uma dessas partes foi dividida em três capítulos. E, mantendo a tripartição da análise, o autor aponta três vestígios que constituem o sucesso da *Legenda aurea* : vestígios de uma tradição milenar, vestígios de uma fé e vestígios de narrativas. Na primeira situação, a obra reúne e organiza amplo material de lendas e escritos doutrinários. Quanto ao segundo tipo de vestígio, a obra é *pauvre* e pouco aberta à « nouveauté théologique » ²⁴. Por fim, os vestígios de narrativas apontam os usos das histórias de santos como sombras nas quais são projetados gestos divinos.
- 26 Sendo assim, para o entendimento do sistema narrativo da *Legenda aurea* Alain Boureau levou em consideração os seguintes elementos : a relação de Jacopo de Varazze com a produção literária da Ordem religiosa que fez parte, ou seja, a Ordem dos Irmãos Pregadores. Para isso, o autor expôs algumas filiações dessa compilação hagiográfica com outras obras, como o *Libellus de principiis ordinis praedicatorum* e as *Vitae Fratrum*, por exemplo ²⁵. Além disso, analisou as formas de citação e referências feitas por Jacopo de Varazze à ampla tradição cristã utilizada para a composição/compilação da *Legenda aurea*. Boureau também analisou o conteúdo das legendas, a utilização majoritária, por Jacopo de Varazze, do martírio e de santos do início do cristianismo e os tipos de milagres realizados por esses santos. Por fim, concluiu Boureau que o sistema narrativo da *Legenda aurea* revelou-se como um elemento que reenviava tanto o texto quanto o seu leitor/ouvinte às questões cruciais para o entendimento da história cristã : o Deus feito homem, que esteve entre os homens por um período preciso – e aqui, entende-se o

cristianismo como uma religião historicizada – ; o Deus que voltará em algum momento para estabelecer a justiça.

- 27 A tese é finalizada com a indicação de um caminho para expandir o alcance desses argumentos. Para Boureau, analisar posições eclesiológicas e espirituais entre os dominicanos daria elementos para tirar Jacopo de Varazze de uma condição apenas de compilador ²⁶.

O cristianismo como narrativa

- 28 Dez anos após a publicação da tese sobre a obra de Jacopo de Varazze, Alain Boureau fundaria na EHESS o Grupo de Antropologia escolástica. Ao mesmo tempo, reuniu uma série de artigos publicados entre 1982-1987 e publicou o livro *L'événement sans fin, récit et christianisme au Moyen Âge*. Neste livro, percebemos um nítido movimento do autor em direção à conclusão da tese defendida em 1984. Em outras palavras, Alain Boureau expandiu o seu olhar sobre narrativas cristãs e o cristianismo como narrativa para mostrar a elaboração e desenvolvimento da mensagem cristã na Idade Média. O principal objetivo dos artigos reunidos na obra é analisar a eficácia particular do cristianismo, mesmo considerando que a cristianização das sociedades podia ser superficial. Na introdução do livro o autor afirma que o objetivo do historiador em relação ao cristianismo é tentar explicar os porquês dos sucessos e como se transformou em uma estrutura coletiva. Para o autor, a originalidade está em três pontos : é um sistema de crenças fundado em uma narrativa – a encarnação ; os ensinamentos divinos são transmitidos em narrativas – as parábolas, os evangelhos, as hagiografias ; o acontecimento principal – o retorno de Deus – se insere no tempo ²⁷.
- 29 As vidas de santos, nessa interpretação do cristianismo, desempenham um papel importantíssimo de ampliação e abstração da narrativa original, pois « le saint produit une copie exemplaire, presque parfaite, et le récit hagiographique, lu, chanté, psalmodié dans ses formes liturgiques, scande la vie du chrétien du Moyen Âge ²⁸ ». Diferentemente do realizado no livro de 1984, Boureau, então expandiu as análises para outras hagiografias e aprofundou o olhar em relação às ordens mendicantes.
- 30 A obra é dividida em três partes. Na primeira o autor trata das formas como o cristianismo foi instaurado a partir de uma razão narrativa. Na segunda, historiciza as hagiografias. Na terceira, analisa as narrativas definidoras das fronteiras do cristianismo, ou seja, as narrativas contra os judeus, muçulmanos e hereges.
- 31 O autor apresenta um esquema cronológico sobre o desenvolvimento do cristianismo como narrativa. Na alta idade média, os textos são caracterizados pela narração da trindade e do entendimento sobre Cristo. Entre os séculos XII e XIII, há a ampliação das narrativas originais para a ampliação dos dogmas. Entre os séculos XIII e XIV há a abstração, ou, em outras palavras, a preocupação com a reflexão sobre as narrativas construídas, ou, de exploração dos textos que já constituíam uma tradição narrativa. Esse momento é caracterizado pelo desenvolvimento das técnicas intelectuais e a abstração sobre as narrativas cristãs está expressa nas Questões quodlibetais e nos debates dos teólogos. Esse processo foi sucedido pela crescente separação entre razão e fé, entre a Bíblia e a ciência a partir do século XIV. Alain Boureau aponta que no mesmo momento da abstração e desenvolvimento dos debates intelectuais sobre as narrativas cristãs e sobre o cristianismo como narrativa há uma modificação que afetou a

« eficácia da narrativa medieval » : a imitação de Cristo e dos santos, principalmente a partir da vida de São Francisco de Assis ²⁹.

- 32 A modificação provocada pelas formas de utilização das hagiografias sobre Francisco constitui o elemento crucial para o entendimento das diferenças entre Antropologia histórica e Antropologia escolástica na obra de Alain Boureau. Nos textos do autor apresentados até o momento tratamos de abordagens sobre a história do cristianismo na Idade Média a partir da construção dos universos narrativos e de tipos diferentes de narrativas, com ênfase nos relatos sobre vidas de santos. Mas esse aspecto não está explícito no obra de 1993.
- 33 Segundo Boureau, a escolástica e as concepções de natureza contribuíram para a modificação do entendimento dos fatos extraordinários. O primeiro aspecto desta modificação foi a crítica instituída a partir dos processos de canonização sobre a credulidade atribuída à intervenção divina para fatos inexplicáveis ³⁰. O autor defendeu a importância que a imaginação assumiu nesse período e como ela tinha poderes de provocar efeitos visíveis, como no caso dos estigmas de São Francisco de Assis. Para a Igreja, a natureza humana desse santo cooperaria com a causalidade sobrenatural. Tendência definida como « naturalista, escolástica-mística », baseada na veemência da imaginação, que a habilitaria como instrumento de cooperação entre o divino e o humano e que contribuiu para uma definição de « milagre-transformação » ³¹. Alain Boureau considera, então, o esforço teológico-doutrinário realizado pelos mestres das Universidades e teólogos das Ordens Mendicantes para explicar a transformação física ocorrida no corpo de Francisco e a associação disso com uma proposição de vida santa baseada na imitação de Cristo. Esse argumento geral colocou em evidência, nos estudos de Alain Boureau, elementos como : os debates sobre a pobreza no final do século XIII e durante o século XIV, a atuação de papas, como João XXII e as convocações/consultas sobre temas como a demonologia e a pobreza, as relações controversas entre Universidades e poderes instituídos, como o dos papas e dos reis. Mas, principalmente, a atuação dos homens de saber do período. Essa mirada para uma abordagem mais de história intelectual do que sobre a estruturação dos sistemas de crenças é a primeira modificação em direção a uma antropologia escolástica. A antropologia escolástica, portanto, marca o interesse de se problematizar novas concepções sobre o homem nos debates intelectuais.
- 34 Sintetizando os argumentos apresentados até o momento podemos caracterizar a Antropologia histórica a partir de alguns preceitos e procedimentos. O primeiro deles está relacionado às abordagens que privilegiam sistemas de crenças e construções de imaginários sempre considerando perspectivas coletivas, estruturais. Essa perspectiva, importante até hoje para os estudos medievais, teve suas primeiras bases em obras como *Os Reis Taumaturgos*, que também consideravam a perspectiva comparada de abordagem. Na obra de Alain Boureau, a Antropologia histórica foi importante para a análise do sistema narrativo de Jacopo de Varazze na *Legenda áurea* e para o entendimento das narrativas cristãs e do cristianismo como narrativa. No entanto, as conclusões apresentadas pelo autor nas duas obras analisadas até agora apontam para alguns elementos que caracterizam outro tipo de abordagem para a história medieval : a antropologia escolástica.

A antropologia escolástica

- 35 No início do século XXI Alain Boureau dedicou-se, dentre outros projetos, a duas edições que merecem destaque : a consulta realizada por João XXII sobre o tema da magia ³² e a direção da tradução da *Legenda áurea* ³³. Ao mesmo tempo, publicou a obra *Satan hérétique* na qual defende que a obsessão/medo do diabo não foi um aspecto essencial do cristianismo medieval. Essa obsessão/medo trata-se de um tema que emergiu nos debates intelectuais entre o final do século XIII e o início do século XIV ³⁴. Essa virada demonológica no Ocidente marcaria os três séculos seguintes em relação à atuação da Igreja na caça às bruxas.
- 36 Segundo o texto, esse fenômeno orientou o racionalismo teológico dos escolásticos sobre o fanatismo e o obscurantismo. Para o autor, quatro conjuntos de teses formularam possíveis causas para esse fenômeno : 1) as relações entre bruxaria e cultos e ritos antigos ; 2) o *sabat* como uma criação dos clérigos, imputada pela violência com a qual perseguiram as vítimas ; 3) o *sabat* é, também, uma formação de compromisso na qual os clérigos transcrevem em termos cristãos esquemas de comunicação com o além e 4) a caça às bruxas é apenas um aspecto da cultura europeia em relação aos demônios e questões sobrenaturais ³⁵.
- 37 A partir desses quatro pontos, é possível perceber que a crítica feita por Boureau é que os historiadores que se dedicaram ao estudo do tema concentraram suas análises em dois blocos : a análise das populações nas quais as crenças naquele tipo de evento sobrenatural – os malefícios/benefícios causados pelo diabo e a importância dos rituais – e, de outro lado, a atuação dos encarregados em descrever e julgar tais práticas. Para Boureau, estudos de Margaret Murray, Robert Mandrou, Carlo Ginzburg e Stuart Clark não explicam a gênese da obsessão demoníaca constituída entre 1280-1330. Segundo o autor, esse aspecto deve ser investigado como um problema da *história intelectual* e sob dois temas : as questões relacionadas aos pactos com o diabo e as relacionadas às possessões sobrenaturais ³⁶.
- 38 A história intelectual, no livro *Satan hérétique*, pode ser entendida como um princípio de investigação que assume duas trilhas : uma que percorre a formação intelectual dos autores estudados e outra, que analisa possíveis facetas para a definição de um mesmo fenômeno (as possessões demoníacas). Nos sete capítulos da obra percebemos esses dois caminhos quando identificamos, por exemplo, o interesse de Alain Boureau nas investigações jurídicas sobre os demônios (heresia e canonização), tema dos capítulos um e cinco. Além disso, a análise, em todos os capítulos, dos diferentes usos e significados para os pactos demoníacos e das crenças nas possessões. É importante ressaltar como Alain Boureau identifica a problemática escolástica da demonologia não apenas como um conjunto de reflexões de teólogos sobre o tema. O autor analisa, também, as consultas realizadas por Papas, como que João XXII faz em 1320 sobre a magia e o tratamento jurídico nos processos de canonização.
- 39 A partir do depoimento do juiz napolitano João Blásio (06/08/1319) no processo de canonização de Tomás de Aquino, Alain Boureau, então, desenvolve sua argumentação. Reproduzimos parte do depoimento :
- 40 Et dum esset cum eo quadam die in cella et egrederetur dictus frater Thomas de ipsa cella sua ad quoddam solarium discopertum apparuit sibi visibiliter demon in figura cuiusdam hominis nigri et inducti pannis nigris : et dum idem frater Thomas adverteret et videret illum esse demonem cucurrit contra eum cum pugno elevato, et cum

percuteret cum ipso pugno dicendo: *Quare venisti huc ad tentandum me. Et dum appropinquaret ad eum, dictus demon evanuit nec ibi ultra apparuit. Interrogatus quomodo scit illum fuisse demonem, dixit quod alias viderat ipsum demonem in quodam cristallo, dum fieret quedam coniuratio demonum pro inveniundo quodam libro furto substracto cuidam scolari, quem tunc recognovit in illa apparitione quam fecit dicto fratri Thome*³⁷.

- 41 O que chamou a atenção de Alain Boureau, nesse caso, é a questão do combate contra o diabo como um dos atributos da santidade³⁸. O processo de Tomás de Aquino não é o único do período a tratar dessa questão³⁹. E não é a única instância pontifícia a considerar a importância da expulsão dos demônios. Boureau observa que Guilherme de Tocco sabia que João XXII leria as atas do processo e que tinha interesse específico no tema dos invocadores dos demônios. Por isso, anotou não apenas a luta do santo contra o « *démon classique* » como também a ocorrência *auxiliaire* do mesmo demônio, que apareceu para João Blásio em um cristal – motivo pelo qual o interrogado alega ter reconhecido quando o demônio apareceu sob a forma de um homem negro, em roupas pretas.
- 42 Interessa a forma como Alain Boureau define a Antropologia escolástica a partir do entendimento das questões intelectuais entre 1280-1330. Acreditamos que o cerne para a compreensão dessa definição está nos capítulos quatro e seis da obra *Satan hérétique*, sobre o « começo de uma demonologia escolástica » e sobre uma « antropologia escolástica da possessão »⁴⁰. O interesse dos escolásticos pelos demônios, segundo Boureau, foi marcado entre os séculos XI e XIII por reflexões esparsas e relacionadas à queda dos anjos. O primeiro texto específico sobre questões de demonologia surgiu com Tomás de Aquino, por volta de 1270, com *De Malo*, especificamente a Questão XVI, *De demonibus*⁴¹. Esse texto foi alvo de críticas dos franciscanos, como Guilherme de La Mare, em 1277, e Pedro de João Olívio, em 1280, assim como de reflexões do dominicano João de Paris, em 1290.
- 43 Algumas razões explicam o interesse dos teólogos sobre os demônios. Uma das mais importantes é o combate contra as heresias dualistas, como o catarismo. Outra é a « *assimilation des démons aux daimones antiques* », ou seja, da assimilação entre os anjos decaídos e crenças camponesas antigas. Boureau também elenca a questão dos Espirituais Franciscanos e do interesse dos escolásticos sobre seres como a Virgem e o Cristo⁴² como parte das razões que levaram os teólogos a se interessarem em discutir sobre os demônios.
- 44 O autor realiza uma análise aprofundada principalmente dos textos de Tomás de Aquino e da crítica feita por Pedro Olívio. Esses dois teólogos, entre Questões sobre a possibilidade de Satã pecar desde a sua criação e/ou de sua natureza má desde o início, para Alain Boureau, revelam que o interesse sobre o demônio assumiu características heterogêneas no final do século XIII. Para o dominicano, a principal característica dos demônios está no mau uso inicial do intelecto dos anjos decaídos. Segundo Boureau, Tomás de Aquino atribui mais importância à questão intelectual que antropológica no que diz respeito à atuação demoníaca junto aos seres humanos. Ao atribuir relativamente pouco poder aos demônios, Tomás de Aquino considerava a « excelência intelectual dos anjos ». Boureau considera que essa concepção tornava a teologia impermeável à historicidade⁴³.
- 45 A historicidade dos demônios, ou a reinserção dos demônios numa perspectiva temporal é uma característica das reflexões de Pedro de João Olívio sobre os anjos

entendidos inicialmente como anjos e, posteriormente, como anjos decaídos. Boureau sistematiza assim as diferenças :

- 46 On touche là au cœur de la doctrine d'Olivi : toute créature est dépendante. C'est pourquoi les anges et les démons sont beaucoup plus proches de l'homme que Dieu, alors que chez Thomas, la perfection intellectuelle de l'ange le place plus près de Dieu que de l'homme ⁴⁴.
- 47 Na medida em que aproxima os anjos dos homens, a perspectiva de Pedro Olívio cria, então, possibilidades de entendimento para novas concepções sobre os seres, o que estaria explicado na relação entre a criação dos anjos e dos homens. Para esse franciscano, a criação do homem foi desejada por Deus para realizar um equilíbrio numérico por causa dos anjos decaídos. Esse equilíbrio, admitido por Pedro Olívio, parte do princípio, então, que os homens podem se tornar anjos. No momento em que o número de homens tornados anjos atingir o equilíbrio original o mundo acaba. Uma nova escatologia, segundo Boureau, que « liberou os demônios da estreita prisão » intelectual criada por Tomás de Aquino e que a « fragilidade das vítimas humanas dos demônios » confirmava a atuação de Satã. A transformação dos homens em anjos tinha, portanto, um obstáculo, que era a atuação dos demônios ⁴⁵.
- 48 A partir desses elementos propomos uma definição para o que Alain Boureau chama de demonologia escolástica : trata-se do conjunto de textos surgidos a partir do *De Malo*, de Tomás de Aquino, e que em três ou quatro décadas assumiu diferentes concepções. Essa demonologia comporta temas heterogêneos, como a criação dos homens e dos anjos, a vontade e a intenção para as boas e más ações – o que inclui direta e indiretamente uma preocupação com o ser humano. Alain Boureau analisou principalmente duas concepções diferentes dessa demonologia escolástica. Para Tomás de Aquino, o entendimento sobre os demônios estava restrito à questão do mau uso inicial do intelecto, ou seja, a propensão para agir mal e pela má ação propriamente dita. Não apenas essa, mas muitas das outras ideias do doutor dominicano foram duramente atacadas pelos franciscanos, como Guilherme de La Mare e Pedro de João Olívio. Este último trabalhou com o tema da criação do homem como um elemento para o restabelecimento do equilíbrio causado pelos anjos decaídos. O mais importante nessa concepção é a possibilidade dos homens tornarem-se anjos e a importância atribuída à vida de Francisco de Assis.
- 49 A Antropologia escolástica, por sua vez, está situada na tentativa de investigar e analisar concepções de homem (ou concepções antropológicas) que surgem com os pensadores escolásticos. Esse é o sentido que o autor dá aos argumentos no capítulo sobre a antropologia escolástica da possessão. O ponto de partida para a reflexão de Alain Boureau nessa parte do livro *Satan hérétique* está nas *Constitutions clémentines* – conjunto de regras lidas no concílio de Viena em maio de 1312 sob o pontificado de Clemente V, porém, promulgadas apenas sob o pontificado de João XXII, em 1317. Nessas constituições há um artigo específico sobre o homicídio e as condições de inimizabilidade. Dentre as categorias que não poderiam ser responsabilizadas estão o furioso, a criança e o dormente, além da legítima defesa. A figura do *dormente* é um elemento novo e que se aproxima à do sonâmbulo. Do sonâmbulo à possessão demoníaca o caminho é relativamente curto. Em uma glosa de 1319, sobre o homicídio supracitado, Boureau sintetiza : há dois tipos de sono, um natural e um extraordinário. Neste, o homem perdia o controle do corpo. Um homicídio cometido nessa circunstância fundamentava o critério de irresponsabilidade.

- 50 A relação entre o dormente/sonâmbulo e a possessão é que no estado do « sono extraordinário » a alienação da consciência reduz o ser humano a um estado de passividade ; de receptáculo de influências ⁴⁶. É importante, no entanto, considerar que não é só o demônio que age por meio de possessões. Se considerarmos as reflexões, por exemplo, de Pedro Olívio sobre os porquês da criação do homem – equilíbrio numérico por causa dos anjos decaídos – e da possibilidade do homem virar anjo, a possessão pode assumir feições divinas, benévolas. O questionamento elaborado por Boureau a partir da constatação de proximidade entre o dormente e o sonâmbulo e da relação entre o sonambulismo com as possessões é : sendo uma novidade a criação da categoria do dormente e que o estado de passividade no qual o homem se encontra quando dorme pode ser invadido ⁴⁷ – possessão divina ou demoníaca – qual concepção de homem permite essa situação ?
- 51 A resposta foi procurada por Boureau na produção intelectual, *locus* para o entendimento das concepções de homem a partir do final do século XIII. O autor identifica três concepções :
- 52 Tout homme est formé d'une personnalité unique scellée par Dieu.
- 53 Tout homme est formé de deux ou plusieurs personnalités.
- 54 Certains hommes ont, par exception surnaturelle, une personnalité double ou multiple ⁴⁸.
- 55 A primeira dessas concepções, de traço mais antigo, teria sido refinada por Tomás de Aquino, a segunda, surgida no século XIII, defendida por pensadores neoagostinianos. A terceira foi trabalhada no direito canônico a partir da noção de pessoa moral e, segundo o autor, concilia as duas primeiras.
- 56 Considerando os pontos apresentados podemos sintetizar características da Antropologia escolástica : a) interesse na produção intelectual de mestres em teologia e o direito ; b) análise das reflexões desses mestres a partir de temas como a criação, a composição do ser humano e das criaturas superiores e excepcionais ; c) análise desses temas nas *Questiones*, tratados jurídicos, documentação pontifícia e processos inquisitoriais.

Considerações finais

- 57 A formação de uma historiografia dedicada aos estudos medievais e a investigação de fenômenos como a relação entre os vivos e os mortos, a santidade, a morte, os anjos e os demônios levou à criação de laboratórios de estudos, como o GAHOM na EHESS. Outro grupo surgido na mesma *École* foi o GAS. Neste, a antropologia escolástica pode ser caracterizada por um domínio que parte de uma concepção de história – que pretende analisar o coletivo, ou, como em *Satan hérétique*, as obsessões, e considera não ser possível entrar na experiência concreta dos indivíduos ; um método – debates intelectuais como vias de acesso ; um objeto de estudo – concepções de homem nos debates teológicos, jurídicos e doutrinários (séculos XIII e XIV).
- 58 Acreditamos que o percurso que apresentamos se faz necessário na medida em que tanto na síntese proposta por Valensi e Wachtel, em 1996, quanto nos textos reunidos nas atas do colóquio de 2008, a perspectiva da antropologia escolástica não está necessariamente bem marcada. Talvez isso se explique pelo fato das duas sínteses estarem interessadas na antropologia histórica. Porém, da forma como entendemos, e

considerando as declarações de Alain Boureau citadas anteriormente na entrevista de 2011, a antropologia escolástica não deixa de ser mais um domínio no qual as relações entre antropologia e história desencadearam novas abordagens, novos problemas e novas questões sobre o período medieval.

- 59 A partir da trajetória de Alain Boureau evidenciamos, então, características tanto da antropologia histórica e quanto da antropologia escolástica. Na tese sobre a *Legenda áurea* (1984) o autor destacou sua característica estratégica e atribuiu as razões do sucesso da obra por propor um tipo de narrativa que mescla elementos da cultura clerical com elementos de uma cultura mais antiga e popular. Concluiu que a especificidade do legendário escrito por Jacopo de Varazze deveria ser analisada numa perspectiva mais ampla, a partir de outras hagiografias e de outros escritos produzidos no mesmo contexto. Esse caminho foi trilhado pelo autor nas reflexões sobre a constituição narrativa do cristianismo e do cristianismo como narrativa, análises reunidas na obra publicada em 1993. Um dos elementos apontados nos dois livros é a constituição de uma nova forma para as narrativas. Uma *Legenda nova* que acompanharia também os debates realizados nas universidades, entre mestres em teologia e em direito. *Satan hérétique* (2004) marca a virada do autor para as reflexões sobre as novas, diferentes e conflituosas definições sobre os seres – humanos, celestiais, divinos, bestiais. Essas definições ocorreram em disputas entre franciscanos, dominicanos, clérigos regulares e seculares. Nesta obra Boureau mostra dois polos: Tomás de Aquino e Pedro de João Olívio.
- 60 A partir do que foi apresentado podemos concluir que a antropologia escolástica fornece elementos metodológicos e conceituais para analisar documentação como processos de canonização e relatos hagiográficos não apenas para discutir a santidade e a crença em santos e em milagres. Pode auxiliar e proporcionar reflexões sobre concepções de homem e lançar luzes sobre outros debates, como a questão do indivíduo e do sobrenatural na Idade Média.

Reçu : 22 février 2014 - Accepté : 11 juin 2014

NOTES

1. Esse texto foi elaborado por ocasião da tradução do livro *Satan hérétique*, de Alain Boureau. A publicação em português está prevista para 2014. Integra, também, as reflexões realizadas no projeto « Os tempos da Santidade : Processos de canonização e relatos hagiográficos de santos de ordens mendicantes (séculos XIII e XIV) » Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

2. A. BOUREAU, *La Légende dorée, le système narratif de Jacques de Voragine († 1298)*, Paris, 1984 ; *Id.*, *L'événement sans fin, récit et christianisme au Moyen Âge*, Paris, 1993 ; *Id.*, *Satan hérétique, histoire de la démonologie (1280-1330)*, Paris, 2004.

3. Usamos a edição brasileira J. LE GOFF, « Prefácio », in M. BLOCH, *Os Reis Taumaturgos, o caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra*, trad. J. MAINARDI, São Paulo, 2005, p. 16 e 28-29.

Porém, o original é J. LE GOFF, « Préface », in M. BLOCH, *Les rois thaumaturges. Étude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale particulièrement en France et en Angleterre*, Paris, 1983.

4. A. BURGUIÈRE, « A antropologia histórica », in J. LE GOFF (dir.), *A Nova História*, trad. E. BRANDÃO, São Paulo, 1993, p. 129-152. A citação está na p. 133. Mas o original é A. BURGUIÈRE, « L'anthropologie historique », in J. LE GOFF (dir.), *La nouvelle histoire*, Paris, 1978, p. 137-165.

5. J. LE GOFF, « Les mentalités. Une histoire ambiguë », in J. LE GOFF et P. NORA (dir.), *Faire l'histoire*, Paris, 1974. Outras reflexões podem ser lidas em A. BOUREAU, « Propositions pour une histoire restreinte des mentalités », *Annales, économies, sociétés, civilisations*, 6 (1989), p. 1491-1504.

6. L. VALENSI et N. WACHTEL, « L'Anthropologie historique », in J. REVEL et N. WACHTEL (dir.), *Une école pour les sciences sociales, de la VI^e section à l'École des hautes études en sciences sociales*, Paris, 1996, p. 251-274. As reflexões sobre os quatro terrenos da antropologia histórica estão entre as páginas 260-264. A citação que finaliza essa referência está na página 270.

7. E. H. AUBERT, « L'ANTHROPOLOGIE HISTORIQUE PAR LE DÉTOUR DE LA MUSICOLOGIE : UNE ETHNOMUSICOLOGIE HISTORIQUE DU MOYEN ÂGE EST-ELLE SOUHAITABLE ? », in L'ATELIER DU CENTRE DE RECHERCHES HISTORIQUES, MIS EN LIGNE LE 19 JUIN 2010 [[HTTP://ACRH.REVUES.ORG/1916](http://acrh.revues.org/1916)]. ACESSO EM 16/05/2014.

8. Pauline Labey, por sua vez, apresentou elementos para problematizar « como fazer uma história da doença » e como essa abordagem está diretamente relacionada a questões antropológicas, como o corpo e a normatização da sociedade. P. LABEY, « L'histoire du malade. Croisement de deux anthropologies », in L'atelier du Centre de recherches historiques, mis en ligne le 19 juin 2010 [<http://acrh.revues.org/1985>]. Acesso em 16/05/2014.

9. J-C. SCHMITT, « L'anthropologie historique de l'Occident médiéval. Un parcours », in L'atelier du Centre de recherches historiques, mis en ligne le 19 juin 2010 [<http://acrh.revues.org/1926>]. Acesso em 28/04/2013.

10. J-C. SCHMITT, « L'anthropologie historique... », *ibid.*

11. E. BRILLI, B. DUFAL e P-O. DITTMAR, « Bilan et perspectives. Chemins transversaux », in L'atelier du Centre de recherches historiques, mis en ligne le 19 juin 2010 [<http://acrh.revues.org/2812>]. Acesso em 16/05/2014.

12. A. BOUREAU, *En somme. Pour un usage analytique de la scolastique médiévale*, Lagrasse, 2011 ; PIERRE DE JEAN OLIVI, *Traité des démons*, éd. A. BOUREAU, Paris, 2001.

13. Entrevista a Marion Lieutaud, 21/09/2011. Disponível em : <http://actu-philosophia.com/spip.php?article322>. Acesso em 28/04/2013.

14. Cf. S. PIRON, « Une anthropologie historique de la scolastique », *Annales HSS*, 64/1 (2009), p. 207-215.

15. GERARDO DE FRACHET, *Vida de los Frailes Predicadores*. Apud : *Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporáneos*, Madrid, BAC, 1947, p. 598-599.

16. S. PIRON, « Avignon sous Jean XXII, l'Eldorado des théologiens », *Cahiers de Fanjeaux [Jean XXII et le Midi]*, 45 (2012), p. 357-391. Em tradução para o português como « o Eldorado dos teólogos ».

17. B. FLEITH, *Studien zur Überlieferungsgeschichte der lateinischen Legenda aurea*, Bruxelles, 1991.

18. A. BOUREAU, *La légende dorée...*, *op. cit.*, p. 8-9.

19. G. P. MAGGIONI, *Ricerche sulla composizione e sulla trasmissione della « Legenda Aurea »*, Firenze/Spoleto, 1995.

20. J. LE GOFF, *La naissance du purgatoire*, Paris, 1981 ; J. LE GOFF e N. TRUONG, *Une histoire du corps au Moyen Âge*, Paris, 2003. E J. LE GOFF, *Le Moyen Age et l'argent*, Paris, 2010.

21. J. LE GOFF, « Culture ecclésiastique et culture folklorique au Moyen Âge : saint Marcel de Paris et le dragon », in *Pour une autre Moyen Âge : temps, travail et culture en Occident*, Paris, 1977, p. 236-279.
22. A. BOUREAU, *La légende dorée...*, op. cit., p. 12, nota 14. A tese de Alain Boureau é, geralmente, o ponto de partida para as pesquisas atuais sobre a *Legenda áurea*. Do intenso diálogo travado por esse historiador, nos anos 1980, com pesquisadores como Maggioni, Barbara Fleith e Brenda Dunn-Lardeau, por exemplo, ao livro de J. LE GOFF, *À la recherche du temps sacré. Jacques de Voragine et la Légende dorée*, Paris, 2011, percebemos como o livro de Boureau é importante. Jacques Le Goff problematiza, por exemplo, a definição de Jacques de Voragine como compilador. O que, de início, posiciona sua obra em outra perspectiva em relação ao estudo de Boureau. Nossa experiência de pesquisa sobre a *Legenda áurea* também foi fortemente influenciada pelo estudo de Boureau. Cf. I. S. TEIXEIRA, *A encruzilhada das idéias : aproximações entre a Legenda Áurea (Iacopo da Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino)*. Dissertação (Mestrado em História), Porto Alegre UFRGS, 2007. Disponível em : <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10787>. Acesso em 16/05/2014.
23. A. BOUREAU, *La légende dorée...*, *ibid.*, p. 14.
24. A. BOUREAU, *La légende dorée...*, *ibid.*, p. 254.
25. IORDANO DE SAXONIA (1190-1237), *Libellus de principiis ordinis Praedicatorum*, in *Monumenta ordinis Fratrum Praedicatorum histórica*, t. 16, Roma, 1935, p. 25-88. E GERARDI DE FRACHETO (1205-1271), *Vitae fratrum ordinis Praedicatorum*, in *Monumenta ordinis Fratrum Praedicatorum histórica*, t. 1, Louvain, 1896.
26. A. BOUREAU, *La légende dorée...*, op. cit., p. 255.
27. A. BOUREAU, *L'événement sans fin...*, op. cit., p. 9-10.
28. A. BOUREAU, *L'événement sans fin...*, *ibid.*, p. 11.
29. A. BOUREAU, *L'événement sans fin...*, *ibid.*, p. 261-263.
30. A. BOUREAU, « Miracle, volonté et imagination : la mutation scolastique (1270-1320) », in *Miracles, prodiges et merveilles au Moyen Âge*, Paris, 1995, p. 159-172.
31. A. BOUREAU, « Miracle, volonté... », *ibid.*, p. 163-172.
32. A. BOUREAU, *Le pape et les sorciers : une consultation de Jean XXII sur la magie en 1320 (Manuscrit B.A.V. Borghese 348)*, Rome, 2004.
33. JACQUES DE VORAGINE, *La Légende dorée*, éd. A. BOUREAU, avec la collaboration de M. GOULLET, P. COLOMB, L. MOULINIER e S. MULA, Paris, 2004.
34. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, op. cit., p. 10.
35. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 11-12.
36. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 12-14.
37. *Processo de canonização de Tomás de Aquino*, PARIS, BnF, lat. 3112. Em : <http://www.corpusthomisticum.org/bprcneap.html#PCN70>. 07/05/2013. Grifos nossos.
38. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, op. cit., p. 8.
39. A. BOUREAU, « Saints et démons dans les procès de canonisation du début du XIV^e siècle », in G. KLANICZAY (dir.), *Procès de canonisation au Moyen Âge : aspects juridiques et religieux*, Rome, 2004, p. 199-220.
40. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, op. cit., p. 125-157 e 189-226, respectivamente.
41. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 128.
42. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 130-132.
43. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 140 e 146-147.
44. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 152.
45. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 154 e 156-157.
46. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 192.

47. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 227-260.

48. A. BOUREAU, *Satan hérétique...*, *ibid.*, p. 211-212.

INDEX

Mots-clés : anthropologie historique, anthropologie scolastique, Boureau Alain, hagiographie

Palabras claves : antropologia histórica, antropologia escolástica, Alain Boureau, hagiografía

AUTEUR

IGOR S. TEIXEIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil